



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

VIVIANE DALA PAULA CORDEIRO

**O USO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
POSSIBILIDADES DE UMA NOVA PRÁTICA**

JOÃO PESSOA – PB
2014

VIVIANE DALA PAULA CORDEIRO

**O USO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
POSSIBILIDADES DE UMA NOVA PRÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Laércia Maria Bertulino de Medeiros

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C794u Cordeiro, Viviane Dala Paula

O uso da tecnologia nas aulas de educação Física
[manuscrito] : possibilidades de uma nova prática / Viviane Dala
Paula Cordeiro. - 2014.
46 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profa.Dra. Laércia Maria Bertulino de
Medeiros, Departamento de Psicologia".

1.Tecnologias Educacionais. 2.Educação Física. 3.Prática
Pedagógica I. Título.

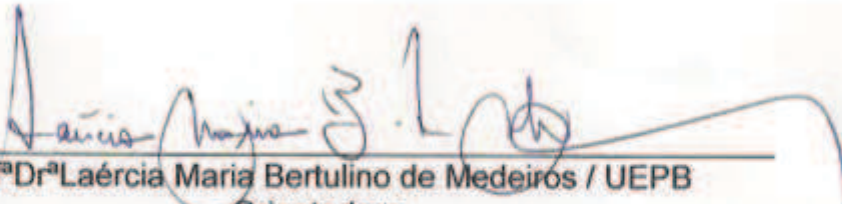
21. ed. CDD 371.33

VIVIANE DALA PAULA CORDEIRO

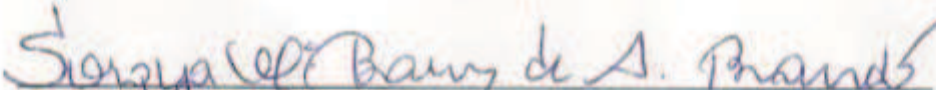
**O USO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
POSSIBILIDADES DE UMA NOVA PRÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria do Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014.



Prof^aDr^aLaércia Maria Bertulino de Medeiros / UEPB
Orientadora



Prof^aMs Soraya Maria Barros de Almeida Brandão/UEPB



Prof^aDr^a Morgana Ligia de Farias Freire/UEPB

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Glauco Stanley de Oliveira Cordeiro por todo amor, dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais João Batista e Clélia, pela educação proporcionada, pelos valores e princípios que fizeram com que eu construísse minha história de vida.

Ao meu marido Glauco Stanley pelo apoio incondicional e por ter sido o primeiro a acreditar que tudo ia dar certo.

Aos meus filhos Yan, Brenda e Denis, pela compreensão por minha ausência. Espero que esta monografia possa servir de incentivo para a longa jornada na universidade.

À professora Dr.^a Laércia Maria Bertulino de Medeiros pelas leituras sugeridas, pelo incentivo, pela dedicação ao longo dessa orientação e por acreditar que eu seria capaz.

À Coordenação do curso de Especialização, por seu empenho.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Prof. Aníbal Meneses, Teresa Neumam e Maria José Barbosa que contribuíram por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial a Véra Lúcia Dantas pelo exemplo de força, perseverança e superação, Valter Pereira pelo companheirismo e dedicação e a Victor Batista pela amizade, incentivo e por toda a ajuda na construção desta monografia.

“Na atualidade o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com o mundo”.

Kenski, 2007

R E S U M O

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo que tem como objetivo identificar como as tecnologias podem ser usadas nas aulas de Educação Física. A análise foi realizada tendo aporte teórico em: Kenski (1997, 2008, 2012, 2013), Moran (2003, 2010, 2012), Brasil (1854, 1998, 2001) e Soares et al. (1992, 1998, 2001). A introdução da tecnologia no ambiente escolar é uma realidade que veio para auxiliar o professor em sua prática docente, além de inserir a escola no mundo virtual diminuindo a distância entre a mesma e o aluno. Muitas vezes esta distância se transforma em obstáculo, pois coloca seus elementos em dois mundos diferentes, enquanto o aluno está no mundo digital, a escola caminha a passos lentos no mundo analógico. Com a tecnologia surgem diversas possibilidades de interação pessoal e até mesmo virtual quebrando um pouco a visão de que educação só se faz presencialmente. Conclui-se que, a disciplina Educação Física, componente curricular obrigatório da educação básica, a partir das mudanças ocorridas em sua base pedagógica, pode e deve aliar-se às tecnologias para trabalhar os diversos aspectos da Cultura Corporal de Movimento contribuindo assim na transformação da visão de mundo e, porque não dizer, da própria disciplina e no exercício da cidadania ajudando o aluno a colocar-se como parte integrante, dependente e transformador da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Educacionais. Educação Física. Prática Pedagógica

A B S T R A C T

This paper is a literature review of qualitative character that aims to identify how technologies can be used in physical education classes. The analysis was guided based in the following authors: Kenski (1997, 2008, 2012, 2013), Moran (2003, 2010, 2012), Brasil (1854, 1998, 2001) e Soares et al. (1992, 1998, 2001). The introduction of technology in the school environment is a reality that came to help teachers in their teaching practice, and put the school in the virtual world by decreasing the distance between it and the student. Often this distance becomes an obstacle because it puts its entirety in two different worlds, while the student is in the digital world, the school walks in slow steps in the analog world. With technology come many opportunities for personal interaction and even virtual, breaking a bit the view that education can only happen in person. We conclude that, Physical Education, mandatory curricular component of basic education, from the changes in their educational background, can and should ally itself with the technologies to work the various aspects of Body Movement Culture, thus contributing to the transformation of worldview and, why not say, the discipline and the exercise of citizenship by helping the student to put himself as an integral part, dependent and transformer of society.

Key-Words: Educational Technologies. Physical Education. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA	13
2. EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE HISTÓRICO	23
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.....	30
2.2 PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: NOVOS DESAFIOS DIANTE DA TECNOLOGIA.....	35
3. METODOLOGIA	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Quando falamos em Educação Física a primeira coisa que nos vem à mente é uma bola. Bola de futsal, de vôlei, de basquete, de handebol, não importa a modalidade, o espelho que se tem da disciplina é só este, não existe outro reflexo. Esta maneira de ver a disciplina se deve ao fato de que, por muito tempo, por suas origens militares e médicas, ela esteve voltada somente para a performance desportiva, para a formação de equipes capazes de ganhar campeonatos, ligas, mundiais, copas. Esta forma de trabalhar levou a disciplina a um único objetivo, formar atletas. Por fundamentar seu trabalho somente nos aspectos fisiológicos e técnicos, através dos fundamentos técnicos e táticos de cada modalidade, a Educação Física deixou de lado todas as suas outras vertentes esquecendo-se de seu papel na formação integral do ser humano. Esta visão tecnicista começou a ser modificada a partir da década de 80, quando se passou a discutir o verdadeiro papel da Educação Física na escola e na sociedade. Atualmente, ao se trabalhar com Educação Física devemos considerar também, as dimensões cultural, social, política e afetiva presentes nos seres humanos que interagem e se movimentam na sociedade, abordando os conteúdos como elementos da cultura corporal de movimento.

O ser humano é um ser que produz e transmite cultura. Ao longo do tempo o corpo foi utilizado para expressar descontentamento, alegria, dor, participar de celebrações em rituais ou festas ou, até mesmo, na vivência de jogos e brincadeiras lúdicas. Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta, tendo como característica comum a representação corporal, constituindo assim, as atividades corporais de movimento que tem como finalidade o lúdico, o expressar sentimentos, emoções e afetos objetivando a promoção, recuperação e manutenção da saúde.

Mudar um conceito desenvolvido por tantos anos não é fácil. A história da Educação Física está ligada diretamente à “quadra e bola”. Na escola, sempre que um professor de Educação Física fala que a aula será teórica a rejeição, da maioria dos alunos, é imediata seguida de reclamações e desordem geral da sala de aula. A disciplina, que por muito tempo levou consigo a prática esportiva como principal e,

às vezes, único conteúdo sofreu significativas mudanças em sua estrutura educacional e, atualmente, procura trabalhar o indivíduo na perspectiva da cultura corporal de movimento buscando a construção de um cidadão mais completo e integrado na sociedade em que vive.

Sendo a Educação Física parte integrante do componente curricular da educação básica, deve ser vista como uma disciplina que carrega conceitos, metodologias e conhecimentos a serem transmitidos e não uma simples atividade escolar.

A Educação Física precisa atualizar-se e mostrar sua importância na escola e assim fincar definitivamente suas raízes, juntamente com as demais disciplinas, na construção do homem integral. Para tanto deve lançar mão do uso de tecnologias, no auxílio da construção do conhecimento de Educação Física na escola. O uso da tecnologia aproxima a escola da realidade atual do aluno, transformando o cotidiano escolar e conseqüentemente a visão coletiva de mundo. A mudança na prática pedagógica da Educação Física levará a uma concepção mais ampla, mais atual do papel da disciplina o que acarretará em uma nova abordagem pelo professor de Educação Física que deve buscar também conhecimento nesta área, para assim desempenhar seu papel de mediador diante das tecnologias.

Este trabalho procura relacionar as possibilidades de intervenção da tecnologia nas aulas de Educação Física. Começaremos falando um pouco sobre Educação e Tecnologia. Como a tecnologia pode ser usada a favor de uma aprendizagem mais dinâmica e envolvente e como as mudanças no comportamento dos alunos, que hoje tem todas as informações a seu dispor na internet e, por terem nascido na era tecnológica se sentem à vontade em manipulá-la de diferentes formas, mudou também o comportamento dos professores dentro e fora da sala de aula.

Logo depois, procuraremos situar a Educação Física no ambiente escolar através de seu histórico, como ela foi inserida, como ela se comportava e como se apresenta hoje, na escola. Abordaremos seu papel nas últimas cinco décadas e as mudanças ocorridas em seu currículo e como ela visa hoje o desenvolvimento físico, mental e social do aluno.

Falaremos também sobre o papel do professor. Como deve ser seu envolvimento com as tecnologias para que ele consiga uma aproximação com seu aluno e, assim, desenvolver todas as suas potencialidades. Para isso, é preciso que

o professor saiba, não só utilizar os recursos tecnológicos, mas também deve conhecer as potencialidades pedagógicas envolvidas nas diferentes tecnologias e como integrá-las ao seu currículo, pois a escola na atualidade requer um professor com um novo perfil profissional, que busque sempre novos desafios e que também, consiga superá-los.

Se a tecnologia é importante no processo de ensino aprendizagem e a Educação Física está inserida neste processo, então podemos dizer que a tecnologia é importante para a Educação Física. E, estando a Educação Física em sua nova concepção, a tecnologia se torna uma verdadeira aliada e um diferencial pedagógico importante durante uma aula teórica, dando maior suporte às explicações e sendo um grande banco de dados para pesquisa e discussão dos conteúdos abordados na disciplina.

A utilização da tecnologia nas aulas de Educação Física, portanto, é bastante viável e traz, uma nova concepção da prática pedagógica da disciplina, saindo de seu “habitat” natural que neste caso sempre foi a quadra, para ir além das quatro paredes de uma sala de aula, pois, no mundo em rede a conexão com outras pessoas é ilimitada. Portanto a utilização de tecnologias pode beneficiar o processo de ensino aprendizagem tornando o conteúdo mais atrativo e as aulas mais dinâmicas.

1 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

A Tecnologia vem ganhando cada vez mais importância na vida em sociedade. Ela encontra-se em todos os inventos criados pelo homem e que o ajudaram a chegar até aqui. Ao esquentarmos um prato de comida no micro-ondas, ao ligarmos nossa TV de *led*, ao acionarmos o alarme ou o GPS de nosso carro, ao usarmos o caixa eletrônico de um banco, ao digitarmos em nosso computador ou até mesmo quando escrevemos com um lápis ou uma caneta estamos utilizando a tecnologia. Ela afeta o modo como pensamos e vivemos mudando nosso comportamento e o modo como vemos o mundo ao nosso redor. “Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de tecnologia” (Kenski, 2013, p.24). Lidamos diariamente com as tecnologias, muitas vezes sem nos darmos conta disso. A comunicação com outras pessoas feita por cartas que demorava dias, às vezes semanas para chegar dependendo da distância, hoje é feita através de redes sociais automaticamente. Até mesmo o e-mail está sendo substituído pelos *chat's* instantâneos na comunicação entre o indivíduo. Em poucos segundos a mensagem chega até seu destino e é prontamente respondida ganhando tempo para resolução de problemas ou até mesmo para se tirar uma dúvida rápida.

Kenski (2013, p. 23) afirma que embora tenhamos nos acostumados a relacionar tecnologia com “máquinas”, sua relação tem a ver com muitas outras coisas como óculos e medicamentos, por exemplo, desenvolvidos através de exaustivos estudos de cientistas e que ajudam os seres humanos a viverem com mais conforto e qualidade de vida. A autora comenta também que a evolução tecnológica não está pautada apenas no uso de tecnologias, mas também na mudança de comportamento das pessoas. Segundo a autora “A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo grupo social”. O Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, indica a palavra “tecnologia” como “um conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade”. (Ferreira, 2005, p. 768). Já para Moran (2003) o conceito de tecnologia é mais abrangente:

Tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. O giz que escreve na louça é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros isso também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral. (MORAN, 2003, p. 151)

Convivemos com tecnologias desde as épocas mais antigas. Começando com paus e pedras utilizados para afugentar e caçar animais até chegarmos aos satélites que monitoram nossas vidas do espaço, passando pela descoberta do fogo e pela criação do primeiro computador. As tecnologias nos auxiliam tornando nossas vidas melhores. A evolução das mídias facilita a comunicação e aproximam pessoas, mesmo que virtualmente. Kenski (2013, p. 19) afirma que “as tecnologias invadem nossas vidas, ampliam nossas memórias, garantem novas possibilidades de bem estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano”. Mídias e tecnologias também são formas de transmissão dos conteúdos pedagógicos e ampliam o acesso à informação e reconfiguram o espaço escolar afirma Sena (2011, p.2). “...as tecnologias maximizam as possibilidades dos indivíduos e assim apresenta-se uma nova sociedade mais interativa e participativa”.

Automaticamente as tecnologias serão levadas à escola por fazerem parte do cotidiano de nossos alunos, por aumentarem suas possibilidades de interação e participação e por, com ela, terem uma estreita relação. Para o jovem, o mundo virtual é um espaço de descoberta e principalmente de expressão. As tecnologias oferecem elementos atrativos como imagem e som que influenciam e modificam comportamentos sociais e é dentro desse mundo que nossos alunos chegam à escola. “As redes sociais são o habitat da geração que recebemos hoje, em nossas escolas e universidades. Portanto, incorporar redes sociais à educação parece um passo instintivo para mantermos o contato com nossos alunos”. (Mattar, 2013, p.15)

Embora a tecnologia seja muito atraente para os alunos dentro e fora da sala de aula, ela também é vista como um obstáculo pelo professor pois, o celular hoje não é utilizado apenas para receber chamadas, a maioria dos modelos têm câmera, rádio, tv e internet. Inúmeros são os atritos relacionados ao uso do celular, mp3, *lphone*, *lpod* nas salas de aula, e o professor leva desvantagem nesta luta. Apesar

da Lei nº 8.949/09 dispor sobre a proibição do uso do celular nas escolas da rede pública e particular do Estado da Paraíba no seu “Art. 1º Fica proibido o uso de telefone celular dentro das salas de aula nas escolas da rede pública estadual, neste estado”, a realidade é que, os alunos fazem uso indiscriminado do aparelho celular nas salas de aula das escolas públicas. Celulares, máquinas e filmadoras permitem a criação de pequenos vídeos, porém, é importante que estes vídeos tenham relação com o conteúdo a aprender porque,

A escola enquanto instituição social, também está inserida neste contexto de intenso desenvolvimento, onde as mídias são componentes que ocupam um espaço expressivo no cotidiano. Logo, para acompanhar o ritmo dos alunos ela não pode manter-se a margem destas transformações, problematizando e refletindo sobre estas questões (DINIZ et al. 2012, p. 183)

Do contrário a tecnologia não estará sendo usada como uma aliada do processo de ensino aprendizagem e sim como diversão e entretenimento sem nenhum objetivo educacional. A escola, como ambiente democrático, não pode, nem deve, barrar a entrada da tecnologia, mas pode orientar seu uso a favor da construção do conhecimento e do pensamento crítico. Sendo assim, ela deve procurar desenvolver a autonomia dos alunos propiciando uma reflexão sobre valores, comportamentos e atitudes em sala de aula que contribuem para a convivência em sociedade.

A globalização mudou a visão de mundo e aproximou pessoas que, embora estejam a quilômetros de distância, virtualmente estão no mesmo ambiente. O acesso físico à internet é individual, mas não é solitário. Para os adolescentes a internet é sinônimo de comunicação e espaço de lazer. Nela é possível trocar mensagens com um, dois, três ou mais contatos emergindo um espaço de lazer e sociabilidade. Segundo Kenski (2013):

Essa capacidade de intercomunicação é um dos pontos mais significativos dessas novas mídias. Ela garante que, independente de onde as pessoas estejam, elas possam se comunicar, trocar ideias, desenvolver projetos em comum, ir além da informação (KENSKI, 2013, p.67)

Quem não consegue acompanhar ou se adaptar ao mundo virtual, corre o risco de transformar-se num analfabeto digital. A expressão “analfabetismo digital” é uma expressão proposta pelo colunista Gilberto Dimenstein em 1997 e propõe uma reflexão não sobre a falta de acesso à informática, mas sim a decisão de não aderir a ela ou de não explorar todo potencial positivo que ela pode oferecer às nossas vidas.

O analfabetismo digital é o nível de desconhecimento das novas tecnologias, principalmente as tecnologias de informação e comunicação TICs (Celulares, Computadores, *iPods*, etc.) e em especial a Internet, o que impede as pessoas de terem acesso às oportunidades que estes oferecem. O analfabeto digital torna-se um excluído da nova realidade geográfica, não importa onde você se encontre nem qual seu poder aquisitivo o importante é seu nível de acesso às novas tecnologias. (AGÊNCIA SEBRAE, on-line)

Chartier (2013, p. 50) avalia que nossa sociedade esta vendo nascer um novo modelo de analfabetismo: o digital, marcado pela impossibilidade de usar um computador para ler, escrever ou realizar tarefas simples. Hoje em dia, você precisa ser competente para digitar textos, trabalhar com imagens e gráficos, elaborar planilhas, ou estará fora da corrida pelo conhecimento da era digital.

Estamos tão envolvidos com várias funções ao mesmo tempo que precisamos resolver muitos problemas rapidamente e a relação tempo x trabalho está diretamente ligada ao uso de tecnologias. “...a internet propicia um novo tipo de apropriação e uso do tempo para a ação docente e para a aquisição de conhecimentos” (Kenski, 2013, p. 12). Ela nos auxilia na execução de múltiplas tarefas, além de tornar essas tarefas menos exaustivas. Para isso, o docente deve incorporar essa nova cultura digital o que, para muitos, torna-se um verdadeiro desafio devido à falta de habilidade e experiência neste novo modo de aprender e ensinar. O que não deve desanimar o professor já que novas maneiras de ensinar utilizando as tecnologias o tornarão mais acessível ao aluno o que ajudará na mediação da aprendizagem e reorganizará e valorizará seu tempo de dedicação à docência como diz Kenski (2013):

Flexibilidade, mobilidade, personalização de caminhos, atendimento às necessidades individuais são apenas aspectos gerais de novas demandas educacionais, mais coerentes com as múltiplas temporalidades vigentes na atualidade. Ao se distribuir a função do professor em múltiplos “papéis”, não se diminui o valor do docente, ao contrário se amplia. Coerentemente à realidade presente na sociedade contemporânea, a distribuição de encargos em um processo integrado, colaborativo e convergente de ações orienta todos para o desenvolvimento de uma melhor função (KENSKI, 2013, p.14).

Lévy (1996, apud Ribeiro, 2007, p. 38) determina a existência de três eras do conhecimento: o oral, a escrita e a digital, sendo que esta última se apresenta com a velocidade da comunicação. A linguagem digital está presente em todo o nosso contemporâneo. Assim a escola mudou a relação professor aluno, antes individualista, para interdependência e inter-relação dos seres humanos visando uma vida melhor. Ao perceber a importância da apreensão do uso de tecnologias no auxílio à sua prática docente, o professor toma consciência de que essas mudanças terão uma repercussão positiva em seu trabalho. No entanto, deve-se procurar inovar na utilização das tecnologias para que possamos mudar as práticas e hábitos docentes e aprender a trabalhar pedagogicamente de forma dinâmica e desafiadora “nos apropriando das especificidades tecnológicas, adequando-as como inovações pedagógicas” (Kenski 2013, p. 97). Portanto, a utilização de uma sala multimídia depende da formação continuada do professor em Tecnologias da informação e comunicação, além de uma seleção de conteúdos e uma estruturação dos objetivos atendendo às necessidades dos alunos.

Se fizermos uma reflexão sobre a mídia podemos concluir que além de estarem presentes em nosso dia-a-dia ela também é um assunto de interesse geral. Na área de Educação Física a mídia é o principal veículo de disseminação do esporte. Diariamente ouvimos no rádio, lemos em jornais, revistas, internet ou assistimos na televisão algum conteúdo que tenha o esporte como destaque. Acompanhamos programas inteiros e até mesmo canais totalmente voltados para os esportes em geral e principalmente para o futebol. Com a globalização e a utilização da internet podemos acompanhar em tempo real as partidas e campeonatos de todos os continentes. Para Setton (2010) mídias são:

Todo o aparato simbólico e material relativo à produção de mercadorias de caráter cultural. Como aparato simbólico, considero o universo das mensagens que são difundidas com a ajuda de um suporte material como livros, CDs etc., a totalidade de conteúdos expressos nas revistas em quadrinhos, nas novelas, nos filmes ou na publicidade; ou seja, todo um campo de produção de cultura que chega até nós pela mediação de tecnologias, sejam elas as emissoras de TV, rádio ou internet (SETTON, 2010, p. 7).

Com tantos recursos midiáticos, não cabe mais ao professor de Educação Física ficar à margem desse fenômeno social como as tecnologias educacionais que envolvem o ambiente escolar. Elas podem servir de suporte para desenvolver os elementos da cultura corporal de movimento como, por exemplo, o esporte. Sua história, seus fundamentos técnicos e táticos, sua relevância social e cultural além de seu aspecto afetivo pode ser incorporado na abordagem do conteúdo levando o aluno a mares nunca antes navegados dentro do esporte.

O mundo virtual chegou como um tsunami. Num minuto tínhamos uma lousa e um giz, no outro, computador, *data-show*, *tablet*, lousa digital. Um mundo de recursos prontos para serem usados, recursos que dinamizam nossas aulas tornando-as mais atrativas e de fácil compreensão.

Nossos alunos, denominados então de nativos digitais, por terem nascidos na era digital e terem acesso a todo esse aparato tecnológico, aprenderam facilmente a utilizar estes recursos. A memória visual e a rapidez das informações transformaram a internet na “queridinha” das crianças e adolescentes. Setton (2010) comenta que:

É possível observar também a facilidade com que as novas gerações manejam os suportes técnicos, como, por exemplo, os controles remotos, máquinas fotográficas e recursos sofisticados do computador. A linguagem que se desenvolve nos jogos eletrônicos, a rapidez de manejo do instrumental, a agilidade mental e a capacidade de utilizar ao mesmo tempo o telefone celular, um Ipod, soa bastante familiar para eles. (SETTON, 2010, p. 23)

A leitura também foi beneficiada com a ajuda da tecnologia. Crianças e adolescentes utilizam a internet para pesquisar, conversar, ler, ouvir música, se atualizar nas notícias, postar fotos, assistir filmes, etc. Este é um mundo que eles dominam! Chartier (2013, p. 51) declara que o hábito da leitura aumentou devido ao avanço da tecnologia digital, porém as pessoas que leem os títulos eletrônicos são as que já tinham o hábito de ler os impressos. O historiador também declara que não

vê como o advento da tecnologia, que impulsiona o uso do e-mail, das redes sociais e dos sites de busca, pode conduzir alguém a ler mais livros. Por outro lado,

Temos de considerar que nunca se leu tanto como agora: a sociedade contemporânea lê muito mais que a Mesopotâmia, por exemplo. Lemos diferentes tipos de textos a todo momento. Ainda assim, é preciso ter em mente que nem tudo, tal como as bulas de remédio, pode ser classificado como leitura legítima. (CHARTIER, 2013, p. 51).

O Historiador francês afirma ainda que há uma grande diferença na concepção de leitura entre professores e alunos. Enquanto para os professores o hábito da leitura está ligado às obras importantes que trabalham o pensar o mundo, a relação com o outro, os sentimentos e o sagrado, tendo em Machado de Assis e William Shakespeare seus grandes autores, para os alunos ler é apenas sinônimo de revista, redes sociais, *wikipédia* ou jogos eletrônicos. “Organizar o encontro entre esses mundos é o desafio de quem ensina” (p. 51)

Portanto, o professor deve ter cuidado ao propor uma atividade de pesquisa na internet, pois nem todo conteúdo apresentado neste ambiente estará de acordo com seus objetivos. Deve então, num momento anterior, verificar os caminhos que deverão ser trilhados para se chegar à meta estabelecida orientando seu aluno nesta busca e servindo de suporte nesta descoberta. Moran (2012) afirma que “as tecnologias móveis trazem enormes desafios, por que descentralizam os processos de gestão do conhecimento: podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e de formas diferentes”. Esta realidade pode mudar o papel do educador, que antes detinha todo o poder do conhecimento, levando-o para uma posição mediadora, diminuindo o espaço entre professor e aluno facilitando a aprendizagem.

A escola, por sua vez, é o ambiente onde as gerações se unem para transformar o processo de ensino-aprendizagem. Professores e alunos são elementos fundamentais nesse processo. Não podemos fazer de conta que as ferramentas tecnológicas não existem, porém, sabemos que nem sempre este ambiente de aprendizagem, que é a escola, está devidamente organizado para atender as expectativas do nosso alunado. Muitas vezes a escola possui apenas um quadro negro e o giz, isso distancia o aluno da realidade educacional.

Atualmente, olhar a escola como um ambiente de aprendizagem, perpassa pelo investimento no recurso humano e na estrutura tecnológica. Desta forma,

ampliaremos as formas de aquisição do conhecimento e tornaremos a aprendizagem significativa e interessante para nossos alunos. Com a Educação Física acontece a mesma coisa. Estamos na época de investir em novos conhecimentos, em novas competências e assim, justificar sua importância na escola introduzindo novos caminhos mediados pela tecnologia, modificando aos poucos a visão errônea que se tem da disciplina. Isso se deve a forma como ela sempre foi vista e entendida na escola, como uma prática específica de modalidades esportivas que os alunos frequentam apenas para distração e descontração. Para Santos & Nista-Piccolo (2011, p.65) “A falta de identidade da disciplina na escola acontece justamente por se tratar de uma área multidisciplinar e não ter um corpo teórico próprio”.

A partir dos anos 80 observamos uma mudança de concepções no ensino da Educação Física. O que antes era voltado exclusivamente para a performance, hoje busca-se novos objetivos como:

Uma reflexão crítica da realidade social dos alunos, levando-os a perceberem-se como agentes de transformações, visando preparar cidadãos críticos e participativos nas decisões de seu contexto social, na qual busquem melhores condições de vida e que estejam engajados num projeto de transformação da sociedade atual numa sociedade mais justa e democrática. (SOARES et al. (2001), apud MOREIRA 2001, p.87)

Portanto,

Conhecer o esporte não significa apenas saber executá-lo, mas também, saber suas regras, sua história, sua inserção sociopolítica. Este aspecto apresenta uma prática esportiva fundamentada numa visão crítica do fenômeno esporte. Com isso, apresentamos uma tendência que, se potencializada, pode fazer com que a prática pedagógica em Educação Física ganhe novos sentidos e perspectivas. (SANTOS e NISTA-PICCOLO, 2003, p. 66)

Neste sentido, procuramos envolver o aluno numa prática pedagógica inovadora contextualizando o conteúdo através do uso de tecnologias e da mídia procurando elevar seu nível de interesse e modificar sua visão sobre as aulas teóricas de Educação Física.

Se perguntarmos a qualquer professor, seja ele professor de Educação Física ou não, se o uso de tecnologia é importante no nosso dia-a-dia a maioria responderá

que sim. No entanto, sabemos utilizar as tecnologias no ambiente escolar? Como vemos a tecnologia? Como uma aliada ou como uma inimiga? O que estamos fazendo para aprender a utilizá-la em sala de aula? Muitos são os desafios diante da tecnologia, o importante é não se intimidar e seguir em frente buscando cada vez mais capacitação para sua utilização. O computador é uma ferramenta que nos oferece muito suporte, mas não substitui o professor. Quando busca novos conhecimentos, o professor pode desenvolver seu trabalho com mais segurança e competência mostrando seu saber e seu conhecimento. Sem dizer que, a utilização da tecnologia permite uma maior aproximação dos alunos que mantêm contato frequente com o mundo virtual e que hoje estão em nossas escolas. Estes estudantes já chegam com o pensamento voltado para as diferentes tecnologias, pois estas já fazem parte de seu cotidiano. A utilização da tecnologia deve estar então, voltada para a interação, para a colaboração, a investigação mediada pelo professor buscando proporcionar a construção do conhecimento fazendo a relação com o que o aluno traz de experiência.

A Educação Física escolar, de forma democrática e não seletiva, deve proporcionar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos visando seu aprimoramento como seres humanos. “Nesse sentido, cabe assinalar que os alunos portadores de deficiência física não devem ser privados das aulas de Educação Física” (Brasil, 2001, p.28). O uso de tecnologias pode auxiliar na busca deste objetivo pois quando alunos e professores estão reunidos virtualmente nas redes, podem desenvolver suas atividades nos mais diferenciados lugares e horários. Ficam independentes dos tempos e perímetros restritos das salas de aulas convencionais (Kenski, 2008, p.93). Além disso, esses novos ambientes constituem espaços de inclusão educacional por excelência, pois permitem a participação, a interação, a colaboração e a aprendizagem de muitos dos excluídos e impossibilitados de acesso ao ensino escolar (p.94). A autora lembra também que:

As atividades educacionais desenvolvidas nas comunidades em rede aprendizes com profissionais de outros setores produtivos vinculados às suas especialidades e com outras organizações sociais. Essas facilidades tecnológicas tornam possíveis novas formas operacionais de oferecimento de disciplinas e atividades de aprendizagem contínua, garantindo a atualização permanente do cidadão e do trabalhador (KENSKI, 2008, p.94).

Para a realização desta ideia, os processos de formação continuada são de fundamental importância principalmente para o profissional que já atua há bastante tempo e, o planejamento das atividades e a adequação dos conteúdos por parte do professor é imprescindível para o bom gerenciamento de suas funções acadêmicas. Não cabe mais ao professor de Educação Física a não utilização da tecnologia como suporte acadêmico, visto que, a tecnologia já é uma ferramenta indispensável no ambiente escolar. Por isso, abordaremos o papel do professor de Educação Física frente às novas tecnologias na escola. Antes, porém, apresentaremos um pequeno histórico das mudanças ocorridas na disciplina ao longo dos anos e como a Educação Física se comporta atualmente.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE HISTÓRICO

A história da Educação Física se entrelaça com a história da humanidade. O homem pré-histórico já utilizava suas habilidades corporais quando tinha que percorrer longas distâncias para caçar ou mudar de moradia, já que era um nômade, ou quando mais tarde, começou a construir sua casa, o cercado para os animais e plantar vegetais, para garantir sua sobrevivência. Nosso enfoque, entretanto, será a história da Educação Física escolar no contexto brasileiro que começa no período republicano com a Reforma Couto Ferraz em 1851, que foi a primeira reforma educacional brasileira a qual incluía na redação de seu art. 47 a instrução moral e religiosa, a leitura e a escrita, as noções essenciais da gramática, os princípios elementares da aritmética e o sistema de pesos e medidas em seu currículo, além disso, estava incluído também a “ geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de música e exercício de canto, ginástica e um estudo mais desenvolvido do sistema de pesos e medidas, não só da Corte, como das Nações com que o Brasil tem mais relações comerciais.”

Apesar da inclusão da disciplina na escola através do Decreto Lei nº 1331/51- Reforma Couto Ferraz, a Educação Física na época chamada de ginástica, não se concretizou na maioria das escolas e sua representação foi pouco significativa. Por não aceitarem o fato de seus filhos estarem ligados às atividades que não fossem intelectuais, os pais não viram com bons olhos essa nova realidade embora houvesse uma tolerância maior com relação aos meninos já que as atividades estavam ligadas às instituições militares. Com relação às meninas os pais proibiam a sua participação (Brasil, 2001, p.20). A respeito dessa passagem Castellani Filho (1988), cita que em 1874, o conselheiro Josil do Nascimento Silva, da Província do Rio de Janeiro, assinala em seu relatório “a repugnância” com que foi recebida pela opinião pública a aula de Ginástica, principalmente a que se referia ao curso das alunas:

Não se acalmaram os espíritos – dizia o conselheiro – com as instruções provisórias; foi preciso suspender a execução, e ainda assim, houve pais que proibiram as filhas, os exercícios ginásticos tais quais se ensinavam e eram prescritos, mesmo com o risco de perderem o ano e a carreira. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 47)

Apesar da resistência inicial, muitos foram os esforços em favor da inclusão da prática da Educação Física na escola, entre eles destaca-se o parecer de Rui Barbosa de 1882 intitulado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares de Instrução Pública”, no qual dá a Educação Física grande destaque pedindo a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação de seus professores aos das outras disciplinas por que acreditava que era necessário ter um corpo saudável para ativar o intelecto. Por tamanho empenho em assegurar a prática da disciplina na escola, Rui Barbosa recebeu o título de “Paladino da Educação Física”.

Um longo caminho foi percorrido e, somente no início do século XX aconteceu uma sistematização dos conteúdos ginásticos e a disciplina começou então a se organizar no ambiente escolar. Neste período, as aulas eram ministradas por militares que instituíram rígidos padrões de disciplina e hierarquia construindo assim, a identidade pedagógica da Educação Física Escolar daquela época. A Eugeniação tinha como objetivo formar indivíduos fortes, ágeis, saudáveis, dinâmicos, empreendedores e, sobretudo obedientes e capazes de defender a pátria de seus inimigos. A mulher, vista como um ser frágil era preparada para se tornar forte para poder gerar filhos e tinha, junto com os homens, a “responsabilidade de manter a “pureza” e a “qualidade” da raça branca (Brasil, 2001, p.19).

Com o processo de industrialização e urbanização e o estabelecimento do Estado Novo, a Educação Física ganha novas atribuições “fortalecer o trabalhador, melhorando sua capacidade produtiva, e desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade” (Brasil, 2001, p.21). O principal objetivo da Educação Física era, então, desenvolver a aptidão física dos indivíduos, pois era de fundamental importância formar indivíduos que pudessem defender a pátria e seus ideais. O papel da Educação Física era o de preparar as mulheres para serem fortes e sadias e assim, gerar filhos saudáveis e aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos meninos e futuramente serem mães robustas, no caso das meninas (Castellani Filho, 1988, p. 56).

Até a década de 1930 a ginástica, já conhecida pelo nome de Educação Física, viveu uma fase Higienista onde a proposta principal era preparar o indivíduo fisicamente para suas práticas laborais.

E é nesses cuidados físicos com o corpo – os quais incluíam a formação de hábitos como: tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos – que se faziam presentes, também os exercícios físicos, vistos exclusivamente como fator higiênico. Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX. (SOARES et al., 1992, p.52).

Em seu parecer, Rui Barbosa comunga das mesmas ideias higienistas quando descreveu o papel da mulher na nova sociedade em construção oferecendo a elas, atividades ginásticas direcionadas a harmonia de suas formas femininas e às exigências de uma maternidade futura. Concordando com esse pensamento, Azevedo (1920, apud Castellani Filho, 1988, p.58) declara que “[...] a Educação Física da mulher deve ser, portanto, integral, higiênica e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuais, jogos e esportes menos violentos e de todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães”. As propostas Eugénista e Higienista foram largamente difundidas e ainda hoje vimos sua utilização nas práticas pedagógicas de alguns profissionais da área principalmente em se tratando do treinamento desportivo onde a seleção de indivíduos mais desenvolvidos atleticamente se sobressai à prática desportiva inclusiva.

Entre os anos de 1960 a 1980 a Educação Física passou a trabalhar a Esportivização de seus conteúdos e tinham como princípios o alto rendimento, a performance e os resultados através do Método da Educação Física Desportiva Generalizada. A linha Tecnicista adotada naquela época visava a performance dos gestos motores desportivos excluindo os menos dotados e selecionando atletas para representar o país nas mais diversas competições internacionais. Fazia-se então não o esporte da escola, mas sim, o esporte na escola que tinha o rendimento atlético, a participação em competições, a comparação de rendimento, a superação de recorde, a regulamentação rígida e o sucesso no esporte como seus principais objetivos.

A Educação Física prestou, mais uma vez, o papel de mantenedora da ordem e do progresso brasileiro e visava através do investimento no esporte de alto rendimento uma relação com o nacionalismo. Muitos foram os investimentos feitos nesta área através da iniciativa privada o que estimulou a iniciação esportiva, já a partir da antiga 5ª série, hoje 6º ano do ensino fundamental II, visava à seleção de possíveis talentos aptos a representar a pátria em competições internacionais.

Nesse período, a Educação Física escolar era entendida como atividade exclusivamente prática, fato este que contribuiu para não diferenciá-la da instrução militar. Certamente, também não houve uma ação teórico-prática de crítica ao quadro apontado, no sentido de desenvolver um corpo de conhecimento científico que pudesse imprimir uma identidade pedagógica à Educação Física no currículo escolar. (SOARES et al., 1992, p.53).

Vista como uma disciplina essencialmente prática, a Educação Física passou por mudanças significativas a partir dos anos 80. Como o sonho da medalha olímpica não aconteceu e o desporto de massa não se desenvolveu, os pressupostos teóricos em que se baseava a prática da Educação Física começaram a ser questionados e alguns teóricos da área se mostraram insatisfeitos com o rumo que a Educação Física estava tomando principalmente quando se referia à Educação Física Escolar.

As relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação: questionou-se o papel e sua dimensão política. Ocorreu então uma mudança de enfoque, tanto no que dizia respeito à natureza da área quanto no que se referia aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro aspecto, se ampliou a visão de uma área biológica, reavaliaram-se e enfatizaram-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. No segundo, se abarcaram objetivos educacionais mais amplos (não apenas voltados para a formação de um físico que pudesse sustentar a atividade intelectual), conteúdos diversificados (não só exercícios e esportes) e pressupostos pedagógicos mais humanos (e não apenas adestramento) (BRASIL, 2001, p.23/24).

O aumento das discussões, debates, seminários, publicações a respeito dessa mudança de paradigmas, apontou novos rumos para a Educação Física ocorrendo uma mudança no seu enfoque. A escola agora não era mais responsável por fabricar atletas e promover o esporte de alto rendimento, ela deveria trabalhar o desenvolvimento psicomotor, afetivo e social do aluno.

Atualmente a Educação Física procura trabalhar de uma forma diferente de tempos atrás. Embora o professor ainda se utilize de alguns conhecimentos tecnicistas e higienistas os elementos da cultura corporal de movimento como os jogos, ginástica, esportes, lutas e danças, estão cada vez mais presentes em sua

prática pedagógica buscando adequar a realidade do aluno levando em consideração seus conhecimentos e sua experiência de vida motora anterior. Medina (1983, p.34) lembra que, a Educação Física deve ser “entendida como disciplina que se utiliza do corpo através de seus movimentos, para desenvolver um processo educativo que contribua para o crescimento de todas as dimensões humanas”, isto é, o ensino da Educação Física deve ir além da técnica e da informação devemos trabalhar também valores como o respeito às regras, a cooperação, o companheirismo, a amizade. Devemos também conscientizar o aluno da importância de tal alimento aprofundando seu conhecimento a respeito de seu valor nutritivo e como ele age no organismo para trazer tal benefício para nossa saúde, com isso estaremos levando mais qualidade de vida à sociedade. Assim:

Democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática da Educação Física nas escolas. (BRASIL, 2001, p.15).

Reflexões acerca de como a disciplina estava sendo trabalhada e o modelo de Educação Física que se queria para o futuro levaram a novas abordagens pedagógicas que buscavam maior significação da disciplina no ambiente escolar. A Educação Física mostra-se mais abrangente e se preocupa com o ser humano em sua totalidade e não somente a parte motora, além de valorizar o planejamento da prática educativa.

Ao conhecermos a história da Educação Física, observamos que, assim como no ano de 1882, ainda hoje são grandes seus desafios na escola. A prática da Educação Física na escola está amparada pela Carta Magna Brasileira. A Constituição Federal, promulgada em 5 de outubro de 1988 tem em seu capítulo III – DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO ESPORTO, na seção III – DO ESPORTO a seguinte redação:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:
I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

- II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;
- III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;
- IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

As práticas desportivas não formais dizem respeito às atividades físicas realizadas nos momentos de lazer em parques e praças públicas além de academias e principalmente nas escolas onde, embora a atividade seja orientada por um professor de Educação Física ela é feita visando à formação integral do homem e sem o objetivo da performance.

A Educação Física também está inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), também conhecida por Lei Darcy Ribeiro, de 20 de dezembro de 1996, e atualizada em 8 de maio de 2013 onde estabelece em seu CAPÍTULO II – DA EDUCAÇÃO BÁSICA, na SEÇÃO I – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS em seu artigo 26, parágrafo 3º:

- A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:
- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
 - II – maior de trinta anos de idade;
 - III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
 - IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;
 - V – (vetado);
 - VI – que tenha prole.

Ao analisarmos o texto sobre a LDB veremos que a Educação Física tem garantido seu lugar nas práticas pedagógicas da escola e que ninguém é dispensado de sua prática. Se considerarmos que o ensino da Educação Física em sua nova roupagem, além de sua parte prática compreende também uma parte teórica, os elementos que foram citados nos incisos I, II, III, IV e VI poderão ter a parte prática da aula facultativa, sendo os mesmos obrigados a participarem da parte teórica. Neste momento da nossa história a Educação Física tem muito a oferecer e cabe principalmente ao professor que está em contato direto tanto com os alunos quanto com a direção, levantar a bandeira pró Educação Física e difundir as

mudanças mostrando a nova face da disciplina buscando, definitivamente, seu lugar na escola.

A busca por este espaço teve uma grande vitória quando em 1º de Setembro de 1998 foi promulgada a Lei de nº 9696 que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e que, em seu artigo 3º estabelece:

Art. 3 Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.

A lei restringe o exercício das atividades de Educação Física aos graduados na disciplina por instituição superior e devidamente registrada nos Conselhos Regionais da categoria. Esta medida assegura aos praticantes maior segurança com relação ao trabalho que está sendo oferecida, além de garantir a vaga no mercado de trabalho ao professor de Educação Física. No documento de Intervenção do Profissional de Educação Física, Resolução nº 046 de 18 de fevereiro de 2002, aponta as diversas áreas de atuação do profissional de Educação Física em seu artigo 1º:

Art. 1º - O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo.

Nesta monografia, podemos observar a abrangência da atuação do profissional que deve, além de promover atividades físicas com responsabilidade e excelência, também se preocupar com os aspectos da vida social e afetiva do indivíduo promover a saúde buscando melhor qualidade de vida, trabalhar a autonomia e incentivar a prática da cidadania. A Educação Física coloca-se então, à disposição da educação buscando o desenvolvimento integral do ser humano consciente de seus direitos e deveres favorecendo sua convivência em sociedade.

2.1 Educação Física na escola

A criança utiliza o corpo, como forma de expressão desde seu nascimento. Com o passar do tempo seu corpo vai sendo trabalhado motoramente através de atividades cotidianas como andar, correr, subir, descer, ou através de movimentos especializados característicos de determinadas modalidades.

Quando a criança ingressa na vida escolar seu contato com a Educação Física começa na Educação Infantil onde são trabalhadas habilidades motoras através de jogos cantados e brincadeiras lúdicas. Ao chegar ao Ensino Fundamental, na sua primeira fase, as brincadeiras e atividades recreativas aparecem acompanhadas de regras que ajudarão na construção do jogo e na aquisição de valores. O Fundamental II vem acompanhado de uma Educação Física mais elaborada tendo como principal conteúdo os esportes.

Atualmente, além dos esportes, conteúdos como conhecimentos sobre corpo, lutas, ginástica e manifestações culturais, veem sendo trabalhadas junto com os esportes, ampliando a área de conhecimento adquirido pelo aluno. Tais conteúdos trazem uma nova visão da Educação Física Escolar mudando sua concepção e seu significado na escola. Além disso, os conteúdos citados acima apresentam-se mais próximos da realidade e, alguns deles, já fazem parte da vida dos alunos há algum tempo, seja por sua prática, seja pela divulgação através da mídia. Campeonatos como Copa do Mundo, Olimpíadas, Mundiais de Atletismo, Vôlei e Basquete são constantemente divulgados pela mídia existindo até canais exclusivos de esportes transmitindo 24 horas por dia. O interesse pelo esporte é tão grande que, até campeonatos europeus e americanos são exibidos com grande audiência.

Mas, apesar do grande interesse pelo esporte através da mídia, sua prática esportiva não é tão difundida assim. Muitos telespectadores preferem acompanhar os campeonatos do sofá de casa ou da arquibancada de um ginásio ou estádio de futebol a praticar uma atividade física regular numa academia ou na praça do bairro. Preferem serem meros coadjuvantes da atividade física a fazerem parte do grupo que, preocupados com a saúde, realizam atividades físicas regulares melhorando sua qualidade de vida. Isso acontece porque não foi formado um hábito para a prática da atividade física que, assim como os hábitos de higiene e de educação, deve ser ensinada, estimulada e incorporada na rotina diária desde a mais tenra idade. É neste ponto que a Cultura Corporal de Movimento deve ser trabalhada, pois apesar de estar presente na escola, a Educação Física deve chegar também na localidade onde mora o aluno sendo praticada por ele nas suas horas de lazer compondo assim, sua bagagem cultural ao longo da vida.

Portanto, entende-se a Educação Física como uma área do conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentando-o a usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998, p.29).

Na fase da adolescência e, passando por transformações de ordem física como: o rápido crescimento em estatura e massa corporal que deixam o corpo, antes ágil, agora lento e descoordenado; cognitiva mudando sua forma de pensar e raciocinar e psicossociais definindo sua identidade e personalidade, no Ensino Médio o aluno perde o entusiasmo de praticar atividades físicas na escola. Sendo assim, os alunos precisam de uma Educação Física que ajude na construção deste ser humano em desenvolvimento colaborando na formação de sua personalidade e na sua participação na sociedade como cidadão. Para isso torna-se necessário que o profissional de Educação Física que atua neste segmento, tenha o domínio do conteúdo que será trabalhado nas práticas pedagógicas para auxiliar na legitimidade da Educação Física como uma disciplina importante para a formação de um indivíduo consciente de seus direitos e deveres e de sua participação na sociedade. Infelizmente existe um certo desprestígio da disciplina na escola que acaba relevando a Educação Física a segundo plano justamente por não enxergarem sua

real importância no ambiente escolar. Este desprestígio está registrado até mesmo nos PCN que, no caso no Ensino Médio em diversas escolas, os professores de Educação Física sequer são chamados para opinarem sobre alterações nos assuntos escolares. Este distanciamento é causado pela visão deturpada de que a disciplina Educação Física corresponde apenas a um momento de recreação, de diversão ou como um preenchimento de carga horária em meio às outras disciplinas. Os motivos apontados pelos PCN para tal irrelevância estaria no fato de que os conteúdos das aulas limitam-se aos já conhecidos fundamentos do esporte e do jogo, nos remetendo ao ambiente Eugenista, pouco contribuindo para a compreensão dos fundamentos enquanto caminho para o desenvolvimento da habilidade de aprender, ou para a formação ética dos alunos, objetivos que também deveriam orientar esta área.

O professor deve cumprir o seu papel de mediador, adotando a postura de interlocutor de mensagens e informações; sendo flexível no tocante às mudanças no planejamento e do programa de curso; mostrando aos alunos que aquele é um espaço de aprendizagem e procurando entender e aceitar as relações corporais existentes no mundo humano para o bom desempenho de seu papel como educador (BRASIL, 2001, p.38).

Os conteúdos de Educação Física, ao serem trabalhados em sala de aula precisam, além de uma atividade prática, também de uma teoria. Ao estudarmos o futebol de campo, além dos fundamentos, técnicas e táticas, também devemos estudar aspectos políticos, econômicos e sociais que envolvam este esporte e como isso se relaciona com a vida de nossos alunos.

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física,... busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas e representações de mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, ... que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (SOARES et al., 1992, p. 38) .

Dentro dessa perspectiva, podemos utilizar a Pedagogia do Esporte para desenvolvermos estratégias pedagógicas utilizando diferentes modalidades como futebol, voleibol, basquetebol onde além da técnica, se enfatiza também o ensino

como um conjunto de experiências e atitudes que permitem ultrapassar a simples transmissão de conhecimentos.

A evolução do Esporte sugere uma prática pedagógica que priorize, além dos métodos, procedimentos nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas, e ainda proporcionando a criação de novos gestos. Faz-se necessário compreender que a Pedagogia do Esporte está presente na iniciação e também no treinamento esportivo, na Educação Formal assim como na Educação Não Formal, atendendo assim a todos os segmentos da sociedade. Portanto, seu principal objetivo será a aprendizagem social (PAES, 2006, p.171).

Podemos observar que não é apenas ensinar algum esporte, mas saber transmitir esse ensinamento de forma concreta, com metodologias que facilitem a ampliação do conhecimento de uma forma lúdica e prazerosa que permitam a superação de ideias e comportamentos pré-estabelecidos. Desta forma o esporte se constitui em um instrumento de transformação social e a Educação Física sua facilitadora.

Na atual estrutura da educação brasileira a Educação Física encontra-se inserida na área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias juntamente com as disciplinas de Arte, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira. A disciplina caracteriza-se como linguagem por meio da competência de comunicação e expressão através da capacidade do aluno, de demonstrar autonomia ao reconhecer e vivenciar diferentes elementos de várias manifestações da cultura corporal de movimento. Nos aspectos biológicos o aluno deve ter a competência de e de conhecer e entender o funcionamento do corpo humano e através das atividades físicas buscar uma melhor qualidade de vida.

No Ensino Médio, última etapa da educação básica, a disciplina encontra sua maior dificuldade. Os alunos ao chegarem a esta etapa já tem uma bagagem pré-definida, pois, ao longo de sua escolaridade já experimentaram diversas possibilidades de atividades motoras, já conheceram diferentes esportes e já vivenciaram diferentes situações corporais. Portanto, já sabem o que gostam ou não de fazer, em que esporte jogam melhor e já não aceitam fazer determinados movimentos por acharem feios ou por terem vergonha de seu corpo por estarem preocupados com o que as pessoas vão falar. Aí está a grande dificuldade, o grande desafio da Educação Física no Ensino Médio. Como estimular os alunos a

praticarem atividades físicas se eles estão passando por diversas transformações? Meninos e meninas encontram-se cercados de complexos relacionados ao próprio corpo. Com o rápido crescimento dos membros é comum os jovens, ao simples movimento, baterem nos móveis ou derrubarem objetos facilmente. O aumento do peso corporal e a evidências de certas partes do corpo fazem as meninas se sentirem inseguras quando da realização de determinados movimentos. O desconforto ao ficarem suadas nas atividades da aula de Educação Física e logo após terem que voltar à sala de aula trás resistência, por parte das meninas, de realizarem exercícios físicos. No entanto, muitas delas praticam atividades físicas em academias procurando uma melhor forma física se espelhando no modelo de “corpo ideal” disseminado atualmente, nem sempre levando em conta os benefícios para a saúde trabalhados pela vivência de atividades físicas. Em contrapartida a Educação Física pode trabalhar atividades variadas que sejam capazes de recuperar o equilíbrio afetado por atividades e posturas errôneas, eliminando assim, as tensões físicas e psíquicas do dia a dia.

A Educação Física pode ajudar na compreensão desses fenômenos e levar à conscientização das potencialidades do corpo. Mas, para isso, o professor deve ter consciência de suas funções para que tenha reconhecido seu valor na escola como, capaz de interferir na formação integral do aluno.

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que não sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Anula-se, pois, como professor (FREIRE, 1992, p. 83).

O caminho é longo e árduo. Compete ao profissional de Educação Física, a responsabilidade de uma prática coerente, contextualizada e significativa, com planejamento prévio e atento às necessidades do aluno que desenvolverá uma visão crítica acerca de sua inserção na Cultura Corporal de Movimento, tomando consciência de que é parte de um todo, de uma comunidade, de uma sociedade, de um país, despertando assim, sua cidadania.

2.2 Papel do professor de Educação Física: novos desafios diante da tecnologia

Por mais que consigamos tirar dúvidas sobre qualquer assunto pesquisando na internet, a escola ainda é o lugar onde se desenvolve a educação. É nela onde são trabalhados os aspectos cognitivos, sociais, políticos, econômicos, afetivos e, no caso da Educação Física além de todos os outros, também os aspectos físicos do indivíduo.

Com a chegada da tecnologia na escola, o professor, que já era indispensável para o processo de ensino-aprendizagem, necessita realizar uma reflexão sobre sua prática docente, pois o uso destas tecnologias exige maior domínio dos conhecimentos tanto curriculares quanto de informática. DINIZ et al. (2012) acreditam que:

Trabalhar com materiais provenientes da mídia pode gerar dificuldades iniciais, assim, seria necessária uma preparação prévia especificamente direcionada aos professores, para que estes recursos não sejam mal utilizados, desperdiçando o que pode significar um avanço no aprimoramento das técnicas de ensino. Professores capacitados poderão considerar dentro da escola os conhecimentos gerados a partir dos meios de comunicação, e ensinar aos alunos como lidar com esta nova linguagem, como interpretá-la na formação do pensamento crítico (DINIZ et al. 2012, p. 186).

Para Kenski (2008, p.88), para atender às novas exigências originárias da “cultura informática” na educação, o professor precisa refletir e ver que o mais importante é perceber que a atualização permanente é condição fundamental para o bom exercício da profissão docente. Para isso, “o professor precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída pelas máquinas. Elas, ao contrário, ampliam seu campo de atuação para além da escola clássica – “entre muros” – e da sala de aula tradicional”. Para Nóvoa (2010 apud Kenski, 2013, p.98) o professor tem papel importante sobre o uso de tecnologias nas atividades escolares, porém:

As tecnologias são muito importantes e têm contribuído para algumas mudanças no ensino e na aprendizagem. Mas elas, por si só, não alterarão o nosso modelo de escola. Se perdermos o sentido humano da educação, perdemos tudo. Só um ser humano consegue educar outro ser humano. Por isso tenho insistido na importância das dimensões pessoais no exercício da profissão docente. Precisamos de professores interessantes e interessados. Precisamos de inspiradores, e não de repetidores. Pessoas que tenham vida, coisas para dizer, exemplos para dar (NÓVOA 2010 apud KENSKI, 2013, p.98).

“As tecnologias, sozinhas, não educam ninguém” (Kenski, 2012, p.9). O professor precisa se posicionar não mais como o detentor do monopólio do saber, mas como um pedagogo, no sentido clássico do termo, que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades de se alcançar e de se relacionar com o conhecimento (Kenski, 1998, p. 68).

O uso de recursos tecnológicos não diminui a importância do professor já que é ele quem define quais os conteúdos a serem ministrados e as metodologias que serão empregadas em sua aula. Ao contrário, as tecnologias tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes auxiliando na aquisição e compartilhamento do conhecimento. O uso correto da tecnologia na escola deve ser uma constante preocupação do professor, pois evita que o aluno se disperse e navegue em sites não selecionados, causando perda de tempo e de conhecimento. Para isso é necessário que o docente saiba utilizar adequadamente, as tecnologias, para um melhor aproveitamento das especificidades de sua disciplina garantindo assim, que o objetivo de seu planejamento seja alcançado. “Professores interessantes e interessados”, diz Nóvoa. Que ensinam e aprendem além da teoria, que vão a campo e, na prática, compreendem e incorporam as possibilidades de trabalhar de forma inovadora em sala de aula de ensino fundamental com o apoio das mídias digitais” (Kenski, 2013, p.98). Desta forma, trabalhar a construção do conhecimento através da pesquisa mediada pela tecnologia pode ajudar na criatividade, na indagação, na reflexão, na colaboração, na discussão em grupo das descobertas fazendo com que o aluno tenha suas próprias conclusões tornando-se assim um ser autônomo. Kenski (2008) diz que:

Em um mundo que muda rapidamente, o professor deve auxiliar seus alunos a analisar criticamente as situações complexas e inesperadas informadas pelas mídias; a desenvolver suas criatividade; a utilizar outros tipos de “racionalidades”: a imaginação criadora, a sensibilidade tátil, visual e auditiva, entre outras. O respeito às diferenças e o sentido de responsabilidade são outros aspectos que o professor deve trabalhar com seus alunos (KENSKI, 2008, p. 89).

Se fizermos uma relação entre a citação da autora e a Educação Física, veremos que a disciplina sofre influencia direta da mídia. O modelo de corpo perfeito, tanto masculino quanto feminino, é constantemente explorado através de propagandas e programas televisivos. Diversas dietas milagrosas que farão você perder peso em poucos dias, são divulgadas e seu uso incentivado pela indústria do consumismo. Modelos são apresentados como o ideal feminino e masculino de beleza, se você não se encaixar neste padrão será excluído e viverá à margem da sociedade. O imaginário urbano é formado em cima de falsas realidades através de metas, muitas vezes, inatingíveis.

Em determinadas décadas ou nos diferentes lugares do mundo, o padrão de beleza muda de acordo com as pessoas que fazem parte de uma sociedade ou região. Nunca o padrão é o mesmo. Aliás, por que ter um padrão? A beleza é subjetiva. O que é bonito para um, pode não ser para o outro. Trabalhar esta diversidade é papel da Educação Física e o professor, através de pesquisas, debates, discussões em pequenos e grandes grupos pode-se, junto com os alunos, desenvolver um senso crítico comum a respeito deste modelo de beleza e a tecnologia pode ser a mediadora de tudo isso. Se as pessoas são diferentes entre si, por que o padrão de beleza tem que ser igual para todos? Se somos diferentes, por que apenas um padrão de beleza é o certo? É esta reflexão que deve ser feita nas aulas de Educação Física. Nesta perspectiva, acredita-se que a Educação Física deve problematizar a influência que os meios de comunicação exercem no cotidiano dos estudantes, pois “apenas uma Educação Física bem articulada pedagogicamente no sentido da vivência corporal, do conhecimento e da reflexão, seria capaz de se relacionar criticamente com as mídias no âmbito da cultura corporal” (DINIZ et al. 2012, p. 188).

A internet é uma ferramenta que proporciona motivação ao educando pois permite uma possibilidade quase que inesgotável de pesquisa e de compartilhamento de ideias. “Com a internet, pode-se fazer pesquisas em tempo

real, convidar pessoas de fora a interagir com os alunos via Skype e usar recursos do cotidiano para ensinar” (Moran apud Revista Tv Escola, 2010, p. 29). Indo para a esfera profissional Kenski (2008) diz que:

As atividades educacionais desenvolvidas nas comunidades em redes possibilitam também articulações interinstitucionais e a interação dos aprendizes com profissionais de outros setores produtivos vinculados às suas especialidades e com outras organizações sociais. Essas facilidades tecnológicas tornam possíveis novas formas operacionais de oferecimento de disciplinas e atividades de aprendizagem contínua, garantindo a atualização permanente do cidadão e do trabalhador (p.94).

Ao fazer parte de um grupo você se torna mais um elemento, de um todo. Na Educação Física, ao trabalharmos com jogos, o aluno necessariamente fará parte de um time, equipe ou grupo. Durante a vivência deste jogo, sentir-se responsável pelos outros membros do grupo dará ao aluno mais confiança na sua capacidade de realização de tarefas. Ao dividir a classe em grupos para realizar pesquisas *on line*, preparar uma apresentação no *power-point*, utilizar o data-show para apresentar suas conclusões sobre as pesquisas realizadas, compartilhar no *facebook* da turma suas descobertas, o professor estará ampliando o universo de conhecimento de seu aluno e dará oportunidade dele mostrar que é capaz de realizar as tarefas determinadas dando-lhe mais confiança e segurança nas outras atividades e responsabilidades da vida. Betti (2001, apud Diniz et al., 2012, p. 184) acredita que “a cultura corporal de movimento, senão no plano da prática ativa, ao menos no plano do consumo de informações e imagens, tornou-se publicamente partilhada na sociedade contemporânea”. Para tanto, o trabalho com os meios de comunicação dentro das aulas de Educação Física poderia significar maior interação aluno/professor por meio do intercâmbio de informações, otimizando o aprendizado. Os PCN de Educação Física indicam como um de seus objetivos que os alunos sejam capazes de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (Brasil, 2001, p.8)

O “ser capaz”, de realizar determinadas tarefas ou movimentos, contribui para a formação integral do indivíduo. Conhecer os movimentos que o corpo é capaz de fazer e tentar realizar tais movimentos com seu corpo desenvolve a criatividade e a sensibilidade ao compor uma coreografia individual ou em grupo. Conhecer os

grupos que trabalham com expressão corporal nas redondezas da escola ou da casa do aluno trará um conhecimento mais aprofundado acerca das suas raízes culturais. Orientar a filmagem de uma apresentação e discutir as impressões sobre o grupo, a dança, sua origem, fará o aluno mergulhar na Cultura Corporal de Movimento intermediada pela tecnologia móvel. Disseminar as informações coletadas transforma a vida das pessoas envolvidas no processo. Mattar (2013) comenta que a apresentação de vídeos provoca debates, sensibiliza, ilustra, complementa informações, levanta sugestões dos alunos e dinamizam as aulas, além disso o trabalho em grupo faz com que:

O professor passe a encarar a si mesmo e a seus alunos como uma “equipe de trabalho”, com desafios novos e diferenciados a vencer e com responsabilidades individuais e coletivas a cumprir. Nesses novos agrupamentos de aprendizagem, o respeito mútuo, a colaboração e o “espírito interno de equipe” orientam para a aprendizagem de novos comportamentos e atitudes, tanto do professor como dos alunos (KENSKI, 2008, p. 93).

Nesta perspectiva, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) constituem recursos que permitem criar, distribuir, receber, consumir e digerir diferentes informações, “são mídias e tecnologias que possibilitam novas formas de transmissão dos conteúdos pedagógicos ampliam o acesso à informação e reconfiguram o espaço escolar” (Sena, 2011, p. 2). Utilizar as Tecnologias digitais nas aulas de Educação Física além de possível abre também uma grande oportunidade para a vivência de diferentes práticas corporais, além daquelas já trabalhadas. Além disso, muitos professores sentem a necessidade de utilizar diferentes recursos para ajudar no entendimento dos conteúdos ministrados levando em conta que estamos reaprendendo a conhecer e a ensinar, a nos comunicarmos e nos integrarmos à sociedade tecnológica tentando chegar ao aluno de todas as maneiras possíveis, através do som, da imagem, do virtual, do real. Mais ainda o professor de Educação Física que, diante das mudanças ocorridas no currículo de sua disciplina se vê totalmente como um peixe fora d’água tendo que mudar sua sala de aula, indo da quadra para as quatro paredes. O professor deve ser crítico e reflexivo pois, seu papel agora é desenvolver todas as possibilidades do aluno, integrando prática e teoria, aumentando o conhecimento adquirido através das experiências vividas e das pesquisas no mundo virtual. Assim como as pessoas

devem ter um olhar diferente para a Educação Física, o professor de Educação Física deve ter esse mesmo olhar, não limitando, nem acomodando em sua prática pedagógica. A mudança deve começar pelo professor atualizando-se e buscando novas formas de interagir com seu aluno e a utilização das TIC auxilia na busca de conhecimento acerca dos conteúdos que constituem os elementos da cultura corporal de movimento: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas.

A integração de TIC contribui para engrandecimento e desenvolvimento dos processos educacionais, fortalecendo professores e alunos no processo ensino-aprendizagem, possibilitando nas aulas de Educação Física, uma relação de parceria e cumplicidade para o desenvolvimento de um projeto comum. O professor será um facilitador de aprendizagem enquanto o aluno será o colaborador ativo (SENA, 2011, p. 4).

Para a autora agindo dessa forma o aluno não será mais instruído, ensinado, ele passará a ser o construtor de seu próprio conhecimento, transformando-se em um aluno pensador, ativo e crítico (p. 5). Para isso, é necessário também que a escola acompanhe as modificações tecnológicas pelas quais a sociedade está passando, incorporando um novo pensar, uma nova visão sobre os benefícios de uma pedagogia baseada na introdução de elementos virtuais pode trazer. Acreditamos que, a ação conjunta da escola e dos professores, na implantação e utilização de recursos tecnológicos visando uma formação participativa, questionadora, reflexiva e crítica do aluno, possa trazer uma sociedade mais consciente de seus direitos e deveres. Estamos dando nosso primeiro passo.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada consiste numa pesquisa bibliográfica com enfoque qualitativo. Essa escolha procura recuperar o conhecimento científico acumulado sobre um problema realizando um levantamento de publicações como artigos, monografias, teses, dissertações, livros que abordem as vertentes estudadas neste trabalho: Tecnologias Educacionais, Educação Física e Prática Pedagógica.

O objetivo geral deste trabalho é identificar como a tecnologia pode ser utilizada nas aulas de Educação Física, o papel da disciplina na escola e as possibilidades de uma nova prática utilizando a tecnologia como mediadora e facilitadora da aprendizagem. Toda a pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2013 à Abril de 2014, através de livros pessoais e gentilmente emprestados por colegas da área, pesquisas em bibliotecas públicas e privadas, revistas específicas da área de educação e educação física e, pesquisa on-line nos sites da Scielo, Capes e BDTD IBICT onde foram encontrados trabalhos referentes à tecnologia e à Educação Física, mas poucos relacionando os dois assuntos.

Na área tecnológica utilizamos principalmente os conhecimentos de Vani Kenski e José Manuel Moran. Além deles, os conhecimentos de Diniz, Rodrigues, Darido, Mattar e Tonaghi foram de fundamental importância para a construção deste trabalho.

Para contarmos a história da Educação Física, dispomos da ajuda de Lino Castellani Filho, com Soares et al. e com Brasil através dos PCN. Utilizamos também a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases e a Lei que Regulamentam a Profissão de Educação Física para respaldar e situar a disciplina no ambiente escolar.

A prática docente e as transformações vivenciadas pela disciplina foram contadas com o auxílio de Medina, Soares, Taffarel, Escobar, Paes, Santos e Nista-Piccolo. Neste levantamento bibliográfico contribuíram também as revistas Nova Escola, Tv Escola, além da Revista Brasileira de Educação Física e Esportes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que, nossos alunos estão em contato constante com a tecnologia e dela fazem uso durante a maior parte de seu dia. No entanto este uso muitas vezes é totalmente aleatório e indiscriminado. A tecnologia é apenas uma ferramenta que depende de quem a maneja. Na escola o uso de tecnologia deve ser mediado pelo professor, através dela novos caminhos serão trilhados e resultarão em novas descobertas, novas reflexões que engrandecerão o conhecimento e o pensamento do aluno. Não basta apenas chegar a algum site de busca e navegar sem objetivo. Todo o percurso de busca do conhecimento realizado na escola e mediado pela tecnologia deve ser previamente estudado pelo professor, só assim se tornará válido.

São novos tempos, novos pensamentos, novos comportamentos, justifica-se então, uma nova forma de se fazer educação, uma nova forma de se fazer Educação Física, mais dinâmica, mais interativa, mais significativa para o aluno. Mais compatível com a realidade e mais próxima de seus anseios.

Os acontecimentos ocorridos na Educação Física desde a época do império até os dias de hoje trazem uma mudança de pensamento e atitude na práxis do professor fazendo da tecnologia uma aliada e transformando o modo de ver e fazer Educação Física. O professor da disciplina deve então, se apropriar dos conhecimentos necessários para que essa parceria seja produtiva, engrandecendo seu trabalho e contribuindo para uma formação crítica e reflexiva do aluno. Sim, porque não adianta só colher dados, escolher imagens, fazer apresentações em *power-point*, trocar arquivos. A utilização da internet deve vir acompanhada de reflexões e discussões sobre o que se colheu, escolheu, apresentou ou compartilhou. Não basta o professor pedir para que o aluno faça um trabalho sobre a Copa do Mundo de Futebol, se não for discutir todas as vertentes sociais, afetivas, históricas, geográfica e política envolvida nesta competição. A Educação Física não pode mais ficar limitada aos aspectos técnicos e táticos do esporte, ela deve ir além, ampliando seus horizontes em favor de uma sociedade mais consciente de seus direitos e deveres, mais participativa, mais questionadora e porque não dizer, mais justa.

Nosso trabalho está pronto, porém não acabado, pois como disse Castellani Filho (1991), a história da Educação Física não deve ser vista como verdade absoluta, mas como processo sujeito a constantes reinterpretações. Esperamos então que, das leituras e releituras feitas sobre o mesmo, surgirão críticas e reflexões para basear outros trabalhos que poderão ser construídos fortalecendo cada vez mais a Educação Física dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental) Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** (3º e 4º ciclos do ensino fundamental) Brasília: MEC, 1998.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas, SP: Papyrus, 1988- Coleção Corpo e Motricidade.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa.** 6ª ed. rev. e ampl. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e à distância.** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008 – (Série Prática Pedagógica).
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 8ª ed. Campinas, SP. Papyrus, 2012 – (Coleção Papyrus Educação).
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e Tempo Docente.** Campinas, SP. Papyrus, 2013 (Coleção Papyrus Educação).
- MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação.** 1ª ed. São Paulo, Artesanato Educacional, 2013.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo...e “Mente”:** bases para renovação e transformação da Educação Física. 3ª ed. Campinas, Papyrus, 1983.
- REVISTA NOVA ESCOLA. **Panoramas e Perspectivas – Educação Física: Novo Status para a expressão corporal.** São Paulo, nº 215. Setembro de 2008.
- REVISTA NOVA ESCOLA. **Fala Mestre! Roger Chartier.** São Paulo, nº 262. Maio de 2013.
- REVISTA TV ESCOLA. **Sem medo da tecnologia.** 2ª Ed. Maio/Junho. 2010
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z; ESCOBAR, M. O. A Educação Física Escolar na perspectiva do século XXI. IN: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI** – Campinas: 6ª Ed. Papyrus, 2001

THOMAS, J. R; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TONAGHI, A. J. C. **Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC: guia do cursista/** Alberto José da Costa Tornaghi, Maria Elisabete Brisola Brito Prado, Maria Elisabeth Bianccini de Almeida. – 2ª ed. – Brasília: Secretaria de Educação à Distância, 2010.

REFERÊNCIAS ON LINE

BARNI, M. J. SCHNEIDER, E. J. **A Educação Física no Ensino Médio: Relevante ou Irrelevante?** Ago-Dez, 2003. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, ICPG. Disponível em: < <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf> > Acesso em: 28 dez 2013.

BRASIL. Decreto nº 1.331-A, de 17 de Fevereiro de 1854. **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1854**, Página 45 Vol. 1 pt I (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 29 dez 2013.

DINIZ, I. K. S. et al. **Os usos da mídia em aulas de Educação Física escolar: possibilidades e dificuldades.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 18, nº 03, jul/set, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27108/21145>> Acesso em 10 dez 2013.

KENSKI, V. M. Novas Tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Trabalho apresentado na **XX Reunião Anual da ANPEd**, Caxambu, setembro de 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n08/n08a06.pdf> > Acesso em 29 abr 14.

MORAN, J. M. Gestão inovadora da escola com Tecnologias. Texto publicado em VIEIRA, Alexandre (org.). **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo, 2003. Avercamp p.151/164. Disponível em: <www.eca.usp.br/moran/gestao.html> Acesso em 02 abr 2014.

MORAN, J. M. **Tablets e Netbooks na Educação**. Disponível em: <www.eca.usp.br/moran/gestao.html> Acesso em 20 dez 13.

PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas**. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n.5, p. 171, 2006. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v%2020%20supl5%20artigo44.pdf>> Acesso em 02 jan 14

RIBEIRO, A. S. **A utilização das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano do professor de Educação Física no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE: Presidente Prudente, 2007. Disponível em <BDTD IBICT> Acesso em 17 de abr de 2014.

ROMAN, A. E. **Os Desafios para o professor na era digital**. Disponível em: <apps.unibrasil.com.br/revista>. Acesso em 20 dez 2013.

SANTOS, M.A.G.N. & NISTA-PICCOLO, V.L. O Esporte e o Ensino Médio: a visão de professores de educação física na rede pública. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.65-78, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180755092011000100008&script=sci_arttext> Acesso em 29 mar 2014.

SENA, D. C. S. As tecnologias da informação e da comunicação no ensino da Educação Física. **Hipertextus Revista Digital**. Nº 6, Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net>> Acesso em 30 mar 2014.

Sites

<<https://www.proinfo.gov.br/biblioteca/textos/txtie4doc.pdf>> acesso em 17 dez 13

<<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia>> acesso em 30 dez 13

<<http://br.monografias.com/trabalhos/paulofreire/paulofreire.shtml>> acesso em 01 dez 13